



VOLUME 1, NÚMERO 5, 2020

EXPEDIENTE

Corpo editorial

Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva – UESPI Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva – UESPI
Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho – UESPI Prof. Dr. Antônio Luiz Martins Maia – UESPI
Profa. Me. Sammara Jericó Alves Feitosa – Comunicação Social/UESPI – CCECA

Presidente

Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva – UESPI

Comitê Científico do Boletim do Observatório UESPI

Prof. Dr. Arnaldo Silva Brito – Matemática/UESPI – CCM
Prof. Dr. Carlos Rerisson Rocha da Costa – Geografia/UESPI – CCM
Prof. Dr. Fabrício Pires de Moura do Amaral – Farmacologia/UESPI – CCS
Prof. Me. Francisco de Paula S. de Araújo Júnior – Matemática UESPI/Parnaíba – PI Prof. Dr. Francisco Eugênio D. de Alexandria – Infectologista/HGV
Prof. Dr. José de Ribamar Martins Bringel Filho – Computação/UESPI – CTU Profa. Me. Kátia Regina Calixto Brasil – Administração/ UESPI – CCSA Profa. Me. Lucile de Souza Moura – Administração/ UESPI – CCSA
Profa. Dra. Norma Suely Campos Ramos – Linguística/UESPI – CCHL Profa. Dra. Sandra Marina Gonçalves Bezerra – Enfermagem/UESPI – CCS Prof. Me. Vinícius Alexandre da Silva Oliveira – Odontologia/UESPI – CCS Prof. Me. Jesus Antônio de Carvalho Abreu – Medicina/UESPI – CCS
Profa. Dra. Silvana da Silva Ribeiro – Letras Português/UESPI – CCHL Profa. Dra. Tatiana Araújo Maranhão – Enfermagem/UESPI – Parnaíba – PI Prof. Dr. Augusto Cezar A. de A. filho – Enfermagem/UESPI – Floriano – PI Prof. Me. William Mazza – Direito/ UESPI- CCM
Prof. Dr. Dario Brito Calçada – Ciências da Computação/UESPI – Parnaíba -PI Prof. Me. José Welliton Silva do Nascimento – Administração/UESPI – Uruçuí -PI Profa. Me. Joseane de Carvalho Leão – Administração/UESPI – CCSA
Profa. Dra. Mariluska Macedo Lôbo de Deus Oliveira – Enfermagem/UESPI – Picos – PI Prof. Dr. Thiago Assunção de Moraes – Administração/ UESPI – Picos – PI

EQUIPE TÉCNICA

Prof. Dr. Franklin Oliveira da Silva – Departamento de Pesquisa
Profa. Me. Sammara Jericó Alves Feitosa – Comunicação Social
Prof. Dario Brito Calçada – Ciências da Computação
Ademir do Nascimento Silva – Técnico Diagramador

Processo de aprendizagem digital na Terceira Idade

Autores:

Prof. Dr. Williame Parente Mazza
Direito/ UESPICCM
Prof. Dr. Dario Brito Calçada
Ciências da Computação/UESPI - Parnaíba -PI
Prof. Me. José Welliton Silva do Nascimento
Administração/UESPI - Uruçuí -PI
Profa. Me. Joseane de Carvalho Leão
Administração/UESPI – CCSA
Prof. Dr. Thiago Assunção de Moraes
Administração/UESPI - Picos - PI
Prof^a. Me. Kátia Regina Calixto Brasil
Administração/ UESPI – CCSA

Teresina - Piauí



PROCESSO DE APRENDIZAGEM DIGITAL NA TERCEIRA IDADE



Professora Doutora Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote. Pedagoga, Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Formação em Sociopsicomotricidade e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, na Linha de Educação, Currículo e Ensino, no Eixo Formação de professores.

A Professora Doutora Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote é, atualmente, a Pró-reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários da Universidade Estadual do Piauí (PREX/UESPI). Formada em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), tem experiência nos processos de Ensino e Aprendizagem e faz pesquisas sobre Sentido e Significado da Aprendizagem.

A Profa. Doutora Eliene Pierote destaca nessa Entrevista, ao Observatório UESPI, os desafios do ensino-aprendizagem tanto para os Docentes como para quem faz parte da Terceira Idade. Ela acredita na frase “o homem aprende

desde o nascimento até a morte”, por isso, seja em que tempo for, o conhecimento deve dar prazer para quem procura novas informações e compreensão sobre o que acontece no mundo.

Em tempo de pandemia Covid-19, as ferramentas digitais estão sendo ainda mais utilizadas seja para o social, seja para o trabalho remoto, porém, há um “lugar-comum” de algumas pessoas da sociedade de acharem que esse mundo “high-tech”, moderno e tecnológico é voltado somente para o público jovem.

Nessa Entrevista, a Professora Eliene Pierote explica e defende que o conhecimento é para todos, porque ele dá autonomia e liberta o corpo e a mente. Assim, o letramento digital não tem idade, requer disposição para aprender.

Observatório UESPI: A crise instaurada pela pandemia do COVID-19 produziu em todos os estratos da educação um cenário de muitas mudanças e a exigência da reelaboração de um novo perfil requer que do docente a capacidade e disposição para ministrar aulas nesses tempos de contradições, o que se configura como seu principal desafio. Neste contexto, quais as principais implicações pedagógicas na educação formal para/com o aluno da terceira idade?

Profa. Doutora Eliene Pierote: A formação continuada de docentes para o uso das tecnologias indica uma das carências que pode justificar os problemas no planejamento das atividades para desenvolver o letramento digital dos alunos. A concepção de educação adotada pelo docente, sobretudo aquele que desenvolve atividades com alunos da terceira idade e a flexibilidade para lidar com a adversidade faz toda a diferença no processo Ensino Aprendizagem no atual contexto de distanciamento físico, considerando as peculiaridades e diversidades do coletivo dos idosos, onde a formação que se desenvolve nas Escolas/Universidades da Terceira Idade deve partir das necessidades sugeridas pelos próprios idosos, sob pena de ser pouco significativa para eles.

Observatório UESPI: O isolamento social e o uso das tecnologias como ferramentas para mudar tanto o processo de interação social, como também o processo de Ensino e aprendizagem fizeram emergir as dificuldades que a Educação (Universitária ou Escolar) tem de encontrar estratégias pedagógicas para inserir o aluno de terceira idade no processo educacional. Como a Universidade, espaço de construção de conhecimento e fazer ciência, pode contribuir nesta reconstrução?

Profa. Doutora Eliene Pierote: Os programas de formação universitária para idosos devem partir de um levantamento das suas necessidades, onde estes devem ser parceiros na elaboração. Considerando o princípio da educação permanente, “o homem aprende desde o seu nascimento até a morte”, o que caracteriza a essência no processo de aprender do idoso deve ser o prazer em aprender e a necessidade de sentir-se vivo, ativo, atualizado e inserido na sua comunidade. Como espaço de produção do conhecimento, a universidade ganha uma excelente oportunidade de apresentar a tecnologia como ferramenta de interação e comunicação, suscitando no idoso a curiosidade pela inovação ao tempo em este passa a sentir-se motivado a continuar aprendendo, com possibilidades de

buscar o seu crescimento pessoal e coletivo. Com essa proposta, o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão das IES se consolida com ganhos significativos para toda a sociedade.

"Lidar com a adversidade faz toda a diferença no processo Ensino e Aprendizagem."

Observatório UESPI: Como os processos cognitivos, emocionais e afetivos atuam no aprendizado das pessoas que se encontram na Terceira Idade?

Profa. Doutora Eliene Pierote: O afeto é um ingrediente primordial em qualquer relação humana e deve estar presente em todas as fases da vida do indivíduo. O termo se refere à capacidade do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente tanto por sensações internas como externas. A afetividade é um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua, juntamente com a cognição e o ato motor, no processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Henry Wallon (1879-1962) compreende o desenvolvimento cognitivo como um processo social e interacionista, no qual a linguagem e o entorno social assumem um papel fundamental. Para ele, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento humano, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo do aluno para melhor poder estimular seu crescimento individual. Na Terceira Idade, a relação afeto-cognição-emoção não é diferente e esta influencia diretamente no processo Ensino Aprendizagem, impactando nas respostas que essas pessoas possam apresentar frente ao conhecimento.

Observatório UESPI: O exercício da docência no período pandêmico impôs na agenda do dia a necessidade de refletirmos sobre o pensar certo, o fazer certo e o agir certo. Nas palavras de Freire (2003, p.35), o pensar certo significa ter “[...] disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para recusa do velho”.

Como pensar certo neste contexto na educação formal do aluno da terceira idade?

Profa. Doutora Eliene Pierote:

Considerando que “a vida é risco e chance”, a educação formal para pessoas da terceira idade apresenta as duas possibilidades: o risco de se acomodarem, esperando o tempo passar (ou a morte chegar), e a chance de se sentirem vivos, desafiados para o novo. Pensar certo, na perspectiva de Paulo Freire e, do ponto de vista do professor que desenvolve atividades com pessoas da terceira idade, é apostar em uma educação menos disciplinar, menos acadêmica e mais associada às necessidades identificadas pelos idosos, com ênfase na transformação de si mesmo, do outro e da sociedade em que vive. Em um mundo de mudanças rápidas, o importante não são os conhecimentos ou ideias nem os comportamentos corretos e fáceis que se espera, mas a ampliação da capacidade do aluno (independentemente da idade) - participante e agente da transformação social - para detectar os problemas reais e buscar para eles soluções originais e criativas.

Observatório UESPI: O Art. 21, do Estatuto do Idoso, em seu §1º diz garante que “cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos para a sua integração à vida moderna” (BRASIL, 2003). É preciso quebrar o estereótipo de que a pessoa da terceira idade não tem condições de aprender, colocando a idade como empecilho para isso, então, para a Senhora, que estratégias podem ser adotadas para promover a interação entre os conhecimentos prévios dos idosos com aquele que ele vai adquirir por meio da tecnologia?

“Apostar em uma educação menos disciplinar, menos acadêmica e mais associada às necessidades identificadas pelos idosos”

Profa. Doutora Eliene Pierote: O processo de envelhecimento é marcado por diversas

mudanças em âmbito motor, psíquico, cognitivo e social e deve ser considerado a partir de suas limitações, tratado e trabalhado em suas potencialidades. Portanto, a terceira idade não pode ser vista ou entendida apenas como uma fase caracterizada por perdas, mas como uma nova etapa da vida do indivíduo que se abre a novas possibilidades e sua exploração. Os programas educacionais para a terceira idade devem ter como base os conhecimentos específicos sobre as características desse público, que possui peculiaridades garantidas pelo seu próprio desenvolvimento e experiências acumuladas, que lhes confere autonomia para decidir quando, como e o que desejam aprender. A condição sine-qua-non para que se promova a interação, em qualquer idade, é fazer o levantamento dos sentidos (na perspectiva de Vigotsky, são os conhecimentos espontâneos) e socializá-los em contexto de colaboração mediado por um par mais experiente (professor), que apresenta o conhecimento científico, criando possibilidades de apropriação e aplicação na sua vida. Para os idosos não é diferente: a sondagem sobre o que eles já sabem sobre tecnologia será fundamental para o início de um processo de descoberta e ampliação da aprendizagem.

Observatório UESPI: Na educação das crianças e jovens, a participação dos pais e/ou responsáveis é muito forte. Pergunto para a senhora qual o papel dos familiares nesse letramento digital por parte da terceira idade?

Profa. Doutora Eliene Pierote: A inversão dos papéis poderá ser determinante nesse processo. A tolerância, paciência e perseverança das crianças e os jovens em desenvolver atividades com pessoas da terceira idade é essencial para que eles se sintam acolhidos nas suas necessidades de aprendizagem e pertencentes à sociedade do conhecimento. A troca de saberes entre os familiares, permeada de afeto promove a motivação e fortalece a saúde emocional dos idosos, gerando aprendizagem e bem-estar para todos.

"É importante destacar que nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria vida.

Observatório UESPI: - Durante essa pandemia da COVID-19, quais os benefícios proporcionados pelo uso das tecnologias ao público da Terceira Idade que a senhora pode destacar?

Profa. Doutora Eliene Pierote: A pandemia da Covid 19 apresentou como recomendação dos órgãos da Saúde em nosso país, para que vidas fossem salvas, o isolamento social, provocando em muitos idosos, sofrimento e de- pressão, entre outros fatores, por ser esta a única forma pela qual seria possível protegê-los (distanciamento físico), por estes pertencerem aos "grupos de risco". No entanto, é importante destacar que nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria vida. Aos poucos, foi-se descobrindo formas de comunicação em que a interação com os idosos com uso da tecnologia (ligações com vídeo, encontros virtuais...) aproximava distâncias e trazia alento para estes, ao interagir com familiares e amigos. Se a sociedade evolui, precisamos compreender que o uso da tecnologia e os benefícios devem ser para todos, indistintamente. O estímulo ao uso da tecnologia como forma de interação social trouxe muitos benefícios aos idosos, dentre eles, o sentimento de pertença e ingração.

Observatório UESPI: O letramento digital pode contribuir para estreitar os laços familiares. Para além da sociabilidade por meio de aplicativos que incentivam a comunicação, a senhora acredita que as tecnologias promovem mais autonomia para a Terceira Idade?

Profa. Doutora Eliene Pierote: A autonomia pode ser definida como a liberdade para agir e tomar decisões no dia a dia, relacionadas à própria vida e à independência, como também ser entendida como a capacidade de realizar atividades sem a ajuda de outra pessoa, necessitando, para tanto, de condições

motoras e cognitivas suficientes para o desempenho dessas tarefas. Se na dinâmica familiar, o uso da tecnologia e outras atividades que estimulem a interação social forem estimuladas, a autonomia se consolida como processo natural na vida da pessoa da terceira idade.

Observatório UESPI: Quais os maiores desafios para educadores que se propõem a promover a inclusão de idosos no universo das linguagens e práticas digitais?

Profa. Doutora Eliene Pierote: Para melhor compreendermos e conceituarmos o letramento digital, trazemos a definição de Theisen (2015, p.44), "o letramento digital proporciona a inserção das pessoas em práticas sociais por meio das ferramentas tecnológicas, colaborando para desenvolver um posicionamento crítico sobre o uso das mesmas e a sua atuação na sociedade". Desta maneira, percebemos que as práticas de letramento digital não estão ligadas apenas ao uso das questões tecnológicas, mas também, às capacidades de uso social, que promovam aprendizagem significativa, por parte daqueles que a manuseiam, descobrem e reinventam, como um processo de intermediação, sujeito-tecnologia, na sua compreensão.

Observatório UESPI: Quais os exemplos de práticas de letramento digital mais recorrentes que devem ser ensinados para o público da terceira idade ser incluído na sociedade atual?

Profa. Doutora Eliene Pierote: Não sei se teria como exemplificar ou mesmo sugerir práticas de letramento digital sem ter o conhecimento específico ou a habilidade necessária para usar a tecnologia. As Universidades que desenvolvem programas para a Terceira Idade têm o objetivo de oferecer aos idosos oportunidades de educação, de integração e saúde, e abrangem as características do modelo de tripé máximo da universidade brasileira constituído pelo Ensino, a Pesquisa e a Extensão. Com isso, as práticas de inclusão digital devem fazer parte da proposta, considerando as ações que estejam relacionadas

ao conhecimento necessário para saber como usar os recursos tecnológicos e da escrita no meio digital e participar de maneira crítica e ética das práticas sociais da cultura digital.

Observatório UESPI: Para finalizar nossa entrevista, como a senhora termina essa frase: "O letramento digital pelos idosos pode..."

Profa. Doutora Eliene Pierote: Produzir resultados significativos para as suas vidas se estes entenderem a importância dessa experiência, aprendendo a ter comportamentos positivos frente à adversidade e sobretudo à descoberta do novo, compreendendo que, nas palavras de Freire: É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou a educabilidade. (FREIRE, 2011, p. 64).

Confira um material extra sobre o tema. São quatro vídeos sobre o trabalho da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati/Uespi), as experiências de duas alunas da Unati e, para finalizar, aplicativos para a terceira Idade.

Vídeo 01 - Prof. Moises Mendes - Coordenador da Unati -
<https://studio.youtube.com/video/5PQe8aEi01M/edit/basic>

Vídeo 2 - Francisca Barbosa - aluna da Unati/UESPI -
<https://www.youtube.com/watch?v=mSitgKhU0kA>

Vídeo 3 - Francisca das Chagas de Carvalho - aluna da Unati/Uespi -
<https://www.youtube.com/watch?v=4qf4AH4EDS8>

Vídeo 4 - Prof. Dario Calçada - curso de Ciências da Computação, campus Parnaíba -
<https://www.youtube.com/watch?v=nJhv9HsWTwE>

Essa Entrevista foi realizada pela subcomissão de Educação do Observatório de Vigilância Sanitária e Epidemiológica, Núcleo Multidisciplinar e Interinstitucional.